

MENOS PRECONCEITO É MAIS SAÚDE: conexão entre a ciência e o cotidiano.

Desejamos que este boletim seja o seu encontro bimestral com a Ciência, através da Divulgação Científica (DC) de temas de saúde da população LGBTQIAPN+. A DC visa popularizar o conhecimento científico, divulgando estudos e pesquisas para que os leitores possam conhecer e entender as implicações de seus resultados, tanto no contexto pessoal quanto no ambiente social.

Boa leitura a todos, todas e todes!



Cara pessoa leitora,

Apesar das mudanças contemporâneas em relação às concepções de organizações familiares e às normas educativas das sociedades ocidentais, a matriz heteronormativa de gênero ainda segue intensa com suas prescrições e efeitos. As práticas bissexuais, por exemplo, permanecem sendo relatadas de forma marginalizada e, por vezes, ilegítimas.

Com o desejo de romper com a hegemonia dos discursos discriminatórios, nesta edição do boletim “Menos Preconceito é Mais Saúde” vamos contextualizar a história das bissexualidades e refletir sobre as singularidades que circundam essa população, apostando no questionamento dos pilares da estrutura monossexista, com vistas ao combate às violências bifóbicas.



(Ilustração retirada do Dicionário de Gênero, Corpo e Sexualidade de A a Z, parte integrante da Série Sempre Vivas 3 / Ilustração: Caio Piastrelli)

VERBETES

Gênero

É o conjunto de aspectos sociais que, historicamente, define padrões de aparência, comportamentos e funções. Dentro da nossa sociedade, essa classificação se deu de maneira binária, ou seja, somos classificados como homens ou mulheres, tendo como base o sexo biológico. Os gêneros representam divisões em todas as áreas: nas cores, nas vestimentas, nos esportes. E nada disso tem relação direta ou decorre do sexo biológico das pessoas, porque o nosso aparelho reprodutivo não define nossa perspectiva social. (Nicácio; Nogueira, 2025).

Monossexismo

Termo usado para se referir à crença social de que as monossexualidades (heterossexualidade, homossexualidades e lesbianidades) são superiores e mais legítimas do que as não monossexualidades (bissexualidades, pansexualidades, polissexualidades e sexualidades fluídas). O monossexismo é pensado como uma estrutura social que presume que todas as pessoas sejam monossexuais e que trata como desvio as demais modulações da sexualidade (Jaeger et al., 2019).

Bifobia

Um conjunto de violências próprias da experiência bissexual, que deve ser combatido. Essas violências derivam não só da invisibilização que o grupo de bissexuais sofre pelo senso comum, no qual essa orientação sexual é vista como uma “fase de experimentação”, mas também dos estereótipos ligados ao grupo, colocando-o como vulgar e altamente sexualizado (Nicácio; Nogueira, 2025).

Referências

- JAEGER, M. B.; LONGHINI, G. N.; OLIVEIRA, J. M. de; TONELI, M. J. F. **Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos.** Revista Periódicus, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 1–16, 2019. DOI: 10.9771/peri.v2i11.28011.
- NICÁCIO, C. B. M. M. L.; NOGUEIRA, M. J (Org). **Dicionário de gênero, corpo e sexualidade de A a Z.** Belo Horizonte: ESP; FJP, 2025. *No prelo.*

ARTIGO

Os autores Melissa Bittencourt Jaeger, Geni Nuñez Longhini, João Manuel de Oliveira, Maria Juracy Filgueiras Tonel no artigo **Bissexualidade, bifobia e monossexismo: Problematizando enquadramentos**, publicado em 2019, discutem

aspectos centrais das noções de bissexualidade, bifobia e monossexismo. Para isso, elaboram uma contextualização histórica do termo bissexual e seus principais usos, além de localizar a emergência do movimento bissexual e realizar uma breve definição de bifobia e monossexismo.

O trabalho é uma importante ferramenta para a discussão acerca das bissexualidades no meio acadêmico e representa uma potência para a divulgação científica e para o combate às violências bifóbicas. Por isso, o utilizamos como base para o texto a seguir elaborado pelo nosso colaborador Carlos Mesquita.

Atualmente, a palavra bissexualidade é utilizada como termo “guarda-chuva” que inclui as sexualidades de pessoas que sentem atração sexual e/ou afetiva por mais de um gênero (incluindo outras identidades não monossexuais como pansexualidade, polisssexualidade e sexualidade fluída). Entretanto, o termo já teve outros significados, sendo utilizado no passado para se referir a corpos que possuem uma genitália com características que não se encaixam nas definições de feminino ou masculino, por exemplo.

Apesar da palavra bissexual ter sido usada somente após o século XX para se referir à sexualidade das pessoas que sentem atração por mais de um gênero, existem relatos de vivências bissexuais em outras épocas e em outras culturas, como na antiguidade grega, japonesa e romana e em rituais de povos indígenas. Nas diferentes mitologias, por exemplo, a “bissexualidade” costumava estar presente nos contos das deusas e dos deuses. Já na Grécia Antiga, era socialmente aceito que os homens amassem, ao mesmo tempo ou em momentos diferentes da vida, homens e mulheres.

Entretanto, mesmo depois do reconhecimento da bissexualidade como uma categoria identitária, pessoas que se identificavam como bissexuais continuaram sendo vistas como “em cima do muro”. Além disso, com o surgimento da AIDS na década de 1980, elas passaram também a serem estigmatizadas como “ponte bissexual do HIV” entre os mundos homossexual e heterossexual - preconceitos que persistem até os dias atuais.

Há uma frequente relação infundada entre bissexualidade, infidelidade, transmissão de ISTs, perversão sexual e não monogamia. Os bissexuais são vistos como duvidosos e classificados como pessoas em uma fase sexual imatura a ser

superada, ou seja, como se estivessem em um estágio atrasado do desenvolvimento sexual - antes da pessoa “se decidir” entre a homossexualidade e a heterossexualidade. Para nos referirmos às discriminações dirigidas a pessoas que se entendem como bissexuais, usamos a palavra bifobia: termo relacionado ao processo de invisibilização e deslegitimação das experiências bissexuais, sendo usado para descrever reações negativas de pessoas heterossexuais, lésbicas e gays em relação às bissexualidades.

O enfrentamento desses preconceitos torna-se mais difícil diante da falta de reconhecimento das bissexualidades e da negação sistemática de sua existência na sociedade. Este apagamento é resultado de uma visão das pessoas bi a partir de um enquadramento monossexual. Nesse sentido, os bissexuais por vezes ocupam lugar de abjeção, em que o discurso, a sexualidade e a subjetividade deles são negados e considerados como inexistentes.

Assim, conclui-se que há uma hierarquia da sexualidade, em que a bissexualidade seria tida como inferior. Mesmo dentro do movimento LGBTQ+, têm-se estabelecido critérios que distinguem quais sexualidades terão mais legitimidade ou não, sendo que as não-monossexualidades ocupam um lugar especialmente frágil, visto que não trazem consigo as mesmas certezas binárias que outras sexualidades usam para se firmarem no terreno identitário.

Quer saber mais sobre o tema? Leia o artigo na íntegra: **Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos**. Conheça também dois coletivos que se organizam politicamente e trabalham para o reconhecimento do movimento bissexual: **Coletivo BIL (@coletivobil)** e **Primavera Bissexual (@primaverabissexual)**.

ENTRE VIDAS, ENTRE VISTAS

A convidada desta edição do boletim “**Menos Preconceito é Mais Saúde**” é **Marina Queiroz (@marinaqueirozcomunica)**, bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Newton Paiva e integrante do projeto Menos Preconceito é Mais Saúde. Nesta entrevista, ela compartilha suas reflexões e experiências, contribuindo para ampliar o debate sobre a bissexualidade e enfrentar os estigmas que ainda persistem.

1. Pessoas bissexuais são mais propensas a trair?

Não há qualquer relação entre o ato de trair e a orientação sexual de uma pessoa.

Pessoas bissexuais podem trair, assim como pessoas homossexuais e pessoas heterossexuais. A confusão está no fato de que algumas pessoas imaginam que, por sentir afeto e atração sexual por mais de um gênero, as pessoas bissexuais estariam mais propensas a um comportamento considerado promíscuo, ou seja, a ter vários parceiros ao mesmo tempo, ou em um curto espaço de tempo. Mas não é porque a pessoa gosta de homens e mulheres que ela vai, necessariamente, se envolver afetiva e sexualmente com homens e mulheres ao mesmo tempo.

A própria noção do que é comportamento promíscuo é impregnada de julgamento moral. Afinal, o que é ser promíscuo hoje e o que era há 50 ou 100 anos? O que é ser promíscuo para um homem e o que é ser promíscuo para uma mulher? O conceito de traição também não é absoluto. Em cada sociedade a traição é entendida de uma forma diferente. E mais recentemente vemos uma crescente discussão sobre o que é traição. Pessoas têm se questionado cada vez mais sobre o tema, em busca de relacionamentos mais saudáveis, autênticos e livres. Quando uma pessoa do relacionamento busca alguém fora desse relacionamento sem o cônjuge saber isso é traição. Mas se ambas as pessoas estão conscientes e consentem dos parceiros se relacionarem com outras pessoas isso é traição? É traição desejar? É traição consumir conteúdo adulto na internet? Podemos ampliar muito essa discussão.

2. A bissexualidade é uma fase ou indecisão?

A bissexualidade não é uma fase, nem uma indecisão. A bissexualidade é a possibilidade de pessoas nutrirem afeto e sentirem-se atraídas por pessoas de ambos os gêneros. E como todos os aspectos da sexualidade humana, a bissexualidade pode não surgir de maneira imediata na vida da pessoa, ou seja, pode não se manifestar de forma clara desde a infância. Pode ser que a pessoa se perceba amando homens e mulheres depois de uma certa idade, à medida de seu amadurecimento emocional. Algumas ainda, percebem essa sexualidade ainda na adolescência, mas acabam reprimindo sua expressão por receio de julgamentos morais, preconceitos e de não ser aceita a família, igreja, trabalhos e demais grupos sociais. E muitas vezes, ela acaba por “assumir” a sexualidade heteronormativa por

entender que esse será um caminho mais fácil de convivência e inclusão em sociedade.

ACONTECEU, A GENTE COMENTA!

A Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe (RedPOP) é uma rede interativa que liga centros e programas destinados à divulgação da ciência e da tecnologia.

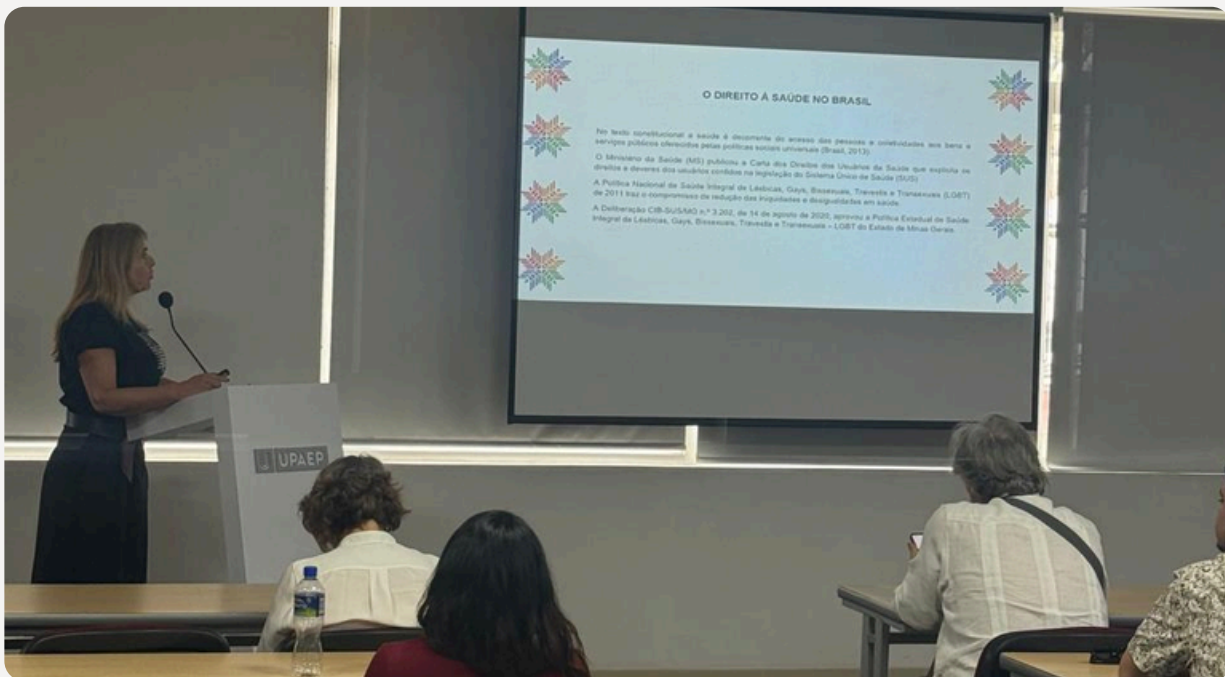
Uma das atividades mais importantes da RedPOP é o seu Congresso Bienal, que a cada edição alterna entre os países membros e objetiva contribuir com o compartilhamento de conhecimento e experiências na área da divulgação científica. Entre os dias 9 e 13 de setembro de 2025 aconteceu na cidade de Puebla, México, a 19ª edição do evento. O tema deste ano foi “Ciência viva: conectar mentes e comunidades.”

Maria Nogueira, coordenadora do projeto, e Bruno Reis, integrante da equipe, representaram o Menos Preconceito é Mais Saúde no evento, apresentando cinco trabalhos em coautoria com os outros membros.

Segundo informou Maria Nogueira “o evento foi uma oportunidade ímpar para compartilhar conhecimentos e experiências com outros pesquisadores e grupos de pesquisa da América Latina e Caribe que trabalham com temáticas relacionadas à população LGBTQIAPN+”. Destacou, ainda, que, apesar dos avanços e conquistas na área da divulgação científica em alguns países da América Latina, nesse campo ainda persistem vários desafios.

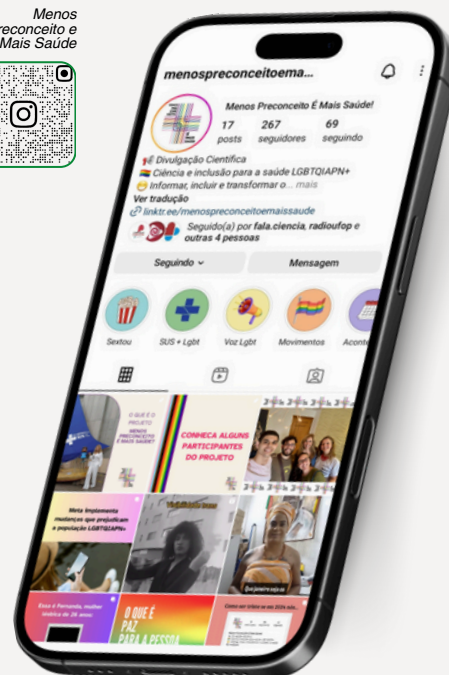


Maria Nogueira e Bruno Reis no RedPOP



Maria Nogueira apresentando trabalho em Grupo temático.

SIGA NOSSO INSTAGRAM



Siga-nos no Instagram:
[@menospreconceitoemaissaude](https://www.instagram.com/menospreconceitoemaissaude)

FICHA TÉCNICA

Redação: Maria José Nogueira (ESP-MG), Geísa Gonçalves de Castro (Bolsista Fapemig), Carlos Antonio Mesquita Neto (Bolsista Fapemig)

Diagramação: Assessoria de Comunicação da ESP/MG.

Revisão: Bruno Reis de Oliveira (ESP-MG).



Este boletim é uma realização do projeto "Menos Preconceito, é mais saúde: divulgação científica da população LGBT", financiado com recursos da FAPEMIG.